



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CAMPUS PROFESSOR ALBERTO
CARVALHO DEPARTAMENTO DE
LETRAS-DLI

YURI NUNES OLIVEIRA DE JESUS

**ESTUDO DE *POEMAS PARA A AMIGA E OUTROS DIZERES:*
HELENA, ANGÉLICA E A AMIZADE**

ITABAIANA-SE 2024

Yuri Nunes Oliveira De Jesus

**ESTUDO DE *POEMAS PARA A AMIGA E OUTROS DIZERES*:
HELENA, ANGÉLICA E A AMIZADE**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao departamento de Letras de Itabaiana (DLI), da Universidade federal de Sergipe (UFS), como um dos requisitos para obtenção da licenciatura plena em Letras/Português.

Orientadora: Christina Bielinski Ramalho

Itabaiana/SE

Abril de 2024

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer a Deus, que fez com que meus objetivos fossem alcançados durante todos os meus anos de estudos. A minha mãe, que é o meu amor maior, agradeço por ter me criado, amado e apoiado durante toda a minha vida. Agradeço ao meu companheiro de vida, Jean, por conseguir me ouvir e me guiar durante essa trajetória linda. As minhas amigas Maria Yasmin, Greiciele e Aline, que sempre estiveram ao meu lado, agradeço pela amizade incondicional e pelo apoio demonstrado ao longo do tempo em que me dediquei a este curso. Aos professores, em especial a minha orientadora Christina Bielinski, pelas correções, ensinamentos e paciência que me permitiram apresentar um melhor desempenho no meu processo de conclusão de curso. Minha eterna gratidão a todos.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Capa do livreto <i>O ser poético de Helena Parente Cunha</i> (2001)	14
Figura 2 - Capa do livro <i>Poemas para a Amiga e Outros Dizeres</i>	23

RESUMO

O presente trabalho aborda o fascínio da amizade convertido em poesia na obra *Poemas para a Amiga e Outros Dizeres* (2014), de Helena Parente Cunha, que, por meio de memórias e de vivências impactadas pela experiência da morte, homenageia Angélica Soares, professora e pesquisadora da área de Letras, com quem Parente Cunha viveu laços fraternos de amizade. Tendo como base os estudos de Benjamin (1985), Moraes (1939), Ramalho (2006 e 2015) e Sousa (2016), buscaremos reconhecer como a amizade está configurada na obra e também desenvolver leituras analíticas de alguns poemas, como meio de aprofundar a compreensão dos signos de fraternidade e também de dor que permeiam a experiência de traduzir em forma de poesia a perda de uma amiga. Com a abordagem proposta, esperamos contribuir, ampliar e enriquecer a fortuna crítica da autora e os estudos literários.

Palavras chaves: Helena Parente Cunha; Trajetórias; Lembranças e Memórias.

ABSTRACT

This paper deals with the fascination of friendship converted into poetry in the work *Poemas para a Amiga e Outros Dizeres* (2014), by Helena Parente Cunha, who, through memories and experiences impacted by the experience of death, pays homage to Angélica Soares, a teacher and researcher in the field of Literature, with whom Parente Cunha experienced fraternal bonds of friendship. Based on the studies of Benjamin (1985), Moraes (1939), Ramalho (2006 and 2015) and Sousa (2016), we will try to recognize how friendship is configured in the work and also develop analytical readings of some poems, as a means of deepening our understanding of the signs of fraternity and also of pain that permeate the experience of translating the loss of a friend into poetry. With the proposed approach, we hope to contribute, expand and enrich the author's critical fortune and literary studies.

Keywords: Helena Parente Cunha; Trajectories; Souvenirs and Memories.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	07
1. HELENA PARENTE CUNHA & ANGÉLICA SOARES	11
1.1 Helena Parente Cunha	11
1.2 Angélica Soares	13
1.3 Helena e Angélica: um momento	14
2. AMIZADE, MEMÓRIA E POESIA	18
3. CARACTERIZAÇÃO DA OBRA <i>POEMAS PARA A AMIGA E OUTROS DIZERES</i>	23
4. AMIZADE E MEMÓRIA EM SEIS POEMAS DE <i>POEMAS PARA A AMIGA E</i> <i>OUTROS DIZERES</i>	30
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	35
REFERÊNCIAS.....	37

1. INTRODUÇÃO

Minha morte nasceu quando eu nasci.
 Despertou, balbuciou, cresceu comigo...
 E dançamos de roda ao luar amigo
 Na pequenina rua em que vivi.

Já não tem mais aquele jeito antigo
 De rir e que, ai de mim, também perdi!
 Mas inda agora a estou sentindo aqui,
 Grave e boa, a escutar o que lhe digo:

Tu que és a minha doce Prometida,
 Nem sei quando serão as nossas bodas,
 Se hoje mesmo... ou no fim de longa vida...

E as horas lá se vão, loucas ou tristes...
 Mas é tão bom, em meio às horas todas,
 Pensar em ti... saber que tu existes!
 (Mário Quintana, 1940)

O interesse pelas obras literárias de Helena Parente Cunha surgiu através de leituras realizadas durante o curso de Letras da Universidade Federal de Sergipe. O fascínio pela maneira como Parente Cunha usava as palavras, conseguindo fazer com que seus poemas fossem tão simples e, ao mesmo tempo, cheios de significado, despertou em mim o desejo de aprofundar a leitura e de buscar realizar uma análise centrada na obra *Poemas para a Amiga e Outros Dizeres*, de 2014, cujo teor, carregado de subjetividade e de afeto, provocou meu interesse pelo modo como a poesia pode trabalhar sentimentos tão fortes como a amizade e o enfrentamento da morte.

Helena Parente Cunha foi mais do que uma autora, ela era uma mulher de muitos talentos: poetisa, contista, tradutora, professora universitária, pesquisadora, ensaísta e crítica literária. Formada em letras pela Universidade Federal da Bahia, trabalhou ainda como tradutora, prosseguindo sua carreira acadêmica com o doutorado na UFSC. Foi professora do Curso de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro até aposentar-se em 1997. Este estudo concentra-se, como se disse, em uma de suas produções líricas. No entanto, cabe dizer que o contato com contos de sua autoria demonstrou que o lirismo alcança também sua prosa.

Para descrever a poesia Helena Parente Cunha de forma mais sintética e ressaltando que o capítulo 1 trará informações detalhadas sobre sua produção, destacarei as palavras da minha orientadora, Christina Ramalho, que se debruçou

sobre a poesia da autora e com ela também manteve laços de amizade durante muitos anos:

... da poesia de Helena Parente Cunha, emergem signos de deslocamento e imobilidade, numa tensão antiética quebrada paulatinamente durante a própria evolução de seu fazer poético, que, liberto das injunções às quais são submetido o ser/ente e a criação, alcança, gradativamente, a capacidade de se evolar, perdendo a carnadura plástica (do corpo em frente ao muro) para ganhar a volatidade musical (dos cantares espalhados por recantos plurais) do ser. (Ramalho, 2006, p. 257)

Ramalho, com a respectiva colocação, sintetiza um movimento constante e gradativo de ruptura com imobilidade do ser rumo a experiências e descobertas que expandem o existir. E, como se verá nesta abordagem, a amizade é um dos signos de expansão do ser.

De modo particular, a partir da leitura e da observação *Poemas para a amiga e outros dizeres*, consegui compreender como a literatura amplia o sentido das palavras, usadas como matéria prima para abordar os sentidos e a falta de sentido da existência. Destacamos os poemas de *Poemas para a amiga e outros dizeres* como originários de um estado concreto, deflagrado pela perda de uma amiga, mas que, no entanto, expressam sentimentos nascidos em uma situação adversa que são compatíveis com todos nós.

Algo que chama a atenção nesses poemas é como eles lidam com a memória. Helena Parente Cunha mergulha no corpo e nos objetos, como se estivesse bordando memórias em cada verso. O livro foi escrito num momento muito intenso, logo após a morte de sua amiga Angélica Soares. Essa experiência foi transformada em palavras e pode oferecer importantes lições no ensino literário, mostrando como a poesia nos ajudar a lidar com a dor e a celebrar a vida daqueles que amamos.

A pesquisa realizada também me fez refletir sobre a importância de expressar nossos sentimentos, algo que Helena Parente Cunha fez com maestria em seus poemas. Ela nos ensina que ser sensível e vulnerável não é sinal de fraqueza, mas de humanidade (Parente Cunha, 2014, p. 45). Helena Parente Cunha, por resguardar um sentimento singelo por sua amiga, preserva as suas memórias e resgata, poeticamente, momentos que viveu com Angélica Soares, sem deixar de investir esteticamente nos poemas.

Na obra, os sentimentos da autora e também protagonista e os retratos líricos de um afeto construído ao longo mais de quarenta anos, segundo a própria Parente

Cunha, motivaram a criação (Parente Cunha, 2014). Mas, tal como veremos, a certeza da morte impõe bravura, acaba destacando a relatividade das coisas, deficiência do tempo, a falta de sentido ou do sentimento absoluto da vida, complementando-se paradoxalmente.

O apelo sentimental presente na própria intenção da obra, expressa pelo título, indaga a permanência da falta, dolorosamente marcada pela perda da amiga Angélica Soares, mas que, ao mesmo tempo, é fonte para se buscar relembrar fatos vividos a cada instante em sua companhia. A personalidade de Angélica Soares acaba tornando-se íntima para cada leitor, pois recria delicadamente sua imagem de forma individual em cada imaginação, abrindo várias portas e janelas. Ao lermos alguns dos poemas que compõe o livro, alcançaremos o objetivo de reconhecer as estratégias líricas de Parente Cunha para romper com o fato real e conduzir as memórias e a falta pelo caminho da poesia. Nesse sentido, trago reflexões de Lopes:

[...] A identificação da poesia com a memória nunca significou a sua identificação com a simples preservação de informações do passado. Com efeito este tipo de funções cabia directamente à administração das cidades: os arcontes eram os responsáveis pelo arquivo, arkheion, lugar que garantia a segurança dos documentos oficiais, cabendo-lhes assegurar a sua interpretação. (Lopes, 1996, p. 157)

Como identificamos, no trecho acima, segundo Lopes (1996), a memória e a poesia não se interligam direta e simplesmente ao processo de identificação para a preservação do passado. A poesia usa a memória também para ir além dela.

Metodologicamente, este trabalho trata-se de um estudo do tipo exploratório bibliográfico-literário, configurado pela revisão de literatura realizada de forma qualitativa interligada à interpretação e à discussão de textos teóricos, no âmbito em dar significado a aquilo que não está claro.

Os textos teóricos que nortearão a pesquisa serão Lopes (1996), que aborda, de maneira concisa como devemos entender a poesia; Bosi (1994), que reflete sobre a memória; Agamben (2009), que discorre sobre os sentidos da amizade; Rocha (2020), que se refere ao modo como o texto está marcado pela diferença de gênero como parte do processo de desenvolvimento e da construção social; Zinani (2011, 2012) que aborda questões da área de crítica feminista, entre outros.

Esse trabalho, enfim, não foi idealizado com a intenção de aprofundar a abordagem estética à obra *Poemas para a Amiga e Outros Dizeres* de Helena Parente

Cunha, mas, sim, apresentar, a partir dos poemas, das reflexões sobre o tratamento lírico aos temas da amizade e da morte, que, juntas, traduzem uma relação que nos ajuda a refletir sobre as relações humanas.

No primeiro capítulo, apresento informações sobre as duas amigas, Helena Parente Cunha e Angélica Soares, e trago à luz uma publicação que, de forma concreta, representa um momento acadêmico e fraterno importante da amizade vivida por elas: o “discurso de saudação” proferido por Angélica Soares, em 1999, quando Parente Cunha passou à condição de professora emérita da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Esse texto, ao qual tive acesso através de minha orientadora, foi publicado pela universidade no volume intitulado *O ser poético de Helena Parente Cunha* (2001), que também traz o discurso de agradecimento da própria professora e escritora.

No segundo capítulo, intitulado “Amizade, memória e poesia”, apresento breves considerações sobre a amizade, tomando como base algumas colocações de Bosi (1993) e Agamben (2009), mas sempre levando em conta a obra de Parente Cunha em foco, visto que, nela, o uso da memória possibilita a construção da imagem da amizade com Angélica Soares e, ao mesmo tempo, o retrato da vivência da dor de vê-la partir.

No terceiro capítulo, “Caracterização da obra *Poemas para a amiga e outros dizeres*”, apresento a estrutura da obra e algumas reflexões sobre os temas e os traços estéticos em geral.

Por fim, no quarto capítulo, “Amizade e memória em *Poemas para a amiga e outros dizeres*”, desenvolvo reflexões sobre seis poemas do livro (“Hora”, “Laço”, “Enigma”, “O tempo da amiga”, “A voz” e “Permanecer”) de modo a evidenciar como os laços de amizade foram sendo trabalhados a partir de fragmentos da memória, por meio dos quais a própria história dessa amizade foi configurada, embora a vivência da dor da perda seja o signo mais presente.

Espero, com este trabalho, não só contribuir para a fortuna crítica de Helena Parente Cunha como revelar a possibilidade que a poesia tem de eternizar a amizade e a própria vida.

1. HELENA PARENTE CUNHA & ANGÉLICA SOARES

Neste capítulo apresento algumas informações gerais sobre Helena Parente Cunha e Angélica Soares e apresento alguns fragmentos do “Discurso de saudação” anteriormente citado, como forma de deixar um breve registro de um momento acadêmico, mas também fraterno vivido pelas protagonistas desta pesquisa.

Esclareço que as informações biográficas foram extraídas de diversos *sítes* e textos contidos em livros. Em relação à Angélica Soares, destaco as informações bibliográficas trazidas por Maximilaino Torres, no “Posfácio”, que integra a própria obra *Poemas para a amiga e outros dizeres*. De outro lado, o texto em prosa “Recordando lembrares”, assinado por Parente Cunha na mesma obra receberá comentários no terceiro capítulo deste estudo.

1.1 Helena Parente Cunha

Nascida em Salvador (BA) no dia 13 de outubro de 1930, Helena Gomes Parente Cunha deu início à sua formação acadêmica aos dezenove anos na Universidade Federal da Bahia (UFBA), onde se graduou em Letras Neolatinas no ano de 1952. Após concluir sua graduação, Helena decidiu ampliar seus conhecimentos na área e partiu para Perúgia, na Itália, com o intuito de se especializar em Língua e Literatura Italiana na Università Italiana Per Stranieri, beneficiada com uma bolsa de estudos oferecida pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

Em 1956, Parente Cunha deu início à sua carreira de tradutora, responsabilizando-se pela tradução da obra *L'educazione del bambino difficile* (1951) – “A educação da criança difícil” –, do renomado psicólogo italiano Dino Origlia. Posteriormente, ela também atuou como tradutora de outros grandes autores, como Pirandello, Boris Pasternak, Abraham Moles, Hans Enzensberger, entre outros.

No ano de 1958, Helena se casou e se mudou para o Rio de Janeiro. Lá, em 1969, ela começou a estudar na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), concluindo seu mestrado em Teoria Literária em 1972. Entre 1974 e 1976, realizou seu doutorado na mesma área, na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

No final de 1976, teve a oportunidade de trabalhar como livre-docente na UFRJ e, entre 1979 e 1984, foi promovida a professora adjunta no Departamento de Ciência

da Literatura, fortalecendo seus vínculos com a universidade. Em 1984, alcançou o título de professora titular. Entre 1992 e 1994, realizou seu pós-doutorado na mesma instituição em que trabalha. Além disso, Helena possui diferentes especializações na área de Teoria Literária em universidades brasileiras e algumas especializações em literatura italiana concedidas por instituições na Itália.

Em agosto de 1997, Helena se aposentou, mas continuou atuando como Professora Emérita do Curso de Letras da UFRJ. Desde então, ela passou a ministrar aulas e cursos de extensão regularmente no programa de pós-graduação em Ciência da Literatura.

Parente Cunha também integrou os conselhos editoriais das seguintes revistas: *Verbo de Minas*, *Terra Roxa e Outras Terras*, *Revista Letra* (Rio de Janeiro), *Temas em Comunicação e Cultura Contemporânea II*, *Quinto Império* (Salvador) e *Revista Ipotesi* (Juiz de Fora).

No meio de tantos compromissos relacionados aos seus estudos e atividades profissionais e acadêmicas, Parente Cunha ainda encontrou tempo e disposição para dedicar-se à produção literária. Ela estreou como poeta com o livro de poemas intitulado *Corpo no cerco*, pelo qual recebeu o primeiro lugar no Concurso de Poesia da Secretaria de Educação e Cultura da Guanabara em 1965. No entanto, essa obra só foi publicada em 1978. De acordo com Silva (2013), os poemas de *Corpo no cerco* abordam um sujeito frustrado e impotente, limitado por barreiras externas e internas que impedem a realização pessoal.

A produção lírica tem continuidade com a obra *Maramar*, publicada em 1980. Em seguida, vieram *Além de estar* (2000); *O outro lado do dia: poemas de uma viagem ao Japão* (1995); *Cantos e cantares* (2005); *Poemas para a amiga e outros dizeres* (2014); e *Hora de fogo: poemas em combustão* (2017);

O primeiro livro de ensaios da autora, *Jeremias, a palavra poética: uma análise de Cassiano Ricardo*, foi publicado em 1979. Desde então, foram muitas as publicações de livros autorais – de que são exemplos *O lírico e o trágico em Leopardi* (1980) e *Mulheres inventadas* (1996) –, livros organizados e artigos na área de crítica literária, com destaque para o enfoque crítico-feminista, com foco na presença de escritoras no cenário da literatura brasileira nos séculos XIX, XX e XXI.

Seu primeiro romance, intitulado *Mulher no espelho*, obteve o segundo lugar no Concurso Nacional de Romance - Prêmio Cruz e Souza em 1982, sendo oficialmente publicado um ano mais tarde e posteriormente traduzido para o idioma inglês. Outro

romance, *As doze tonalidades do vermelho*, foi publicado em 1998. *Claras manhãs de Barra Clara* foi publicado em 2002 e a obra infantil *Marcelo e seus amigos invisíveis*, em 2003).

Destacam-se também os livros de contos *Os provisórios* (1980); *Cem mentiras de verdade* (1985); *A casa e as casas* (1996); *Vento, ventania, vendaval* (1998); e *Falas e Falares: Minicontos* (2011).

Para finalizar, destaco que Parente Cunha atuou até o fim de sua vida no Grupo de Trabalho “A mulher na literatura”, criado em 1984, como GT da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística — a ANPOLL (site <https://anpoll.org.br/gt/a-mulher-na-literatura/>). Desse mesmo GT fez parte Angélica Soares e, em vista disso, foram muitos os eventos científicos em que as duas companheiras de trabalho da UFRJ e amigas estiveram juntas.

1.2 Angélica Soares

Angélica Maria Santos Soares recebeu o título de Doutora em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), em 1983. Além disso, ela realizou uma pesquisa de Pós-Doutorado na Universidade Nova de Lisboa entre 1994 e 1995.

Seu trabalho acadêmico abrangeu diversas áreas, com ênfase em Teoria Literária e Literatura Comparada. Ela se dedicou a temas como erotismo, memória, ecocrítica e literatura de autoria feminina. Eis algumas de suas publicações individuais: *(Ex)ensões: Adélia Prado, Helena Parente Cunha e Lya Luft em prosa e verso* (2012); *Transparências da memória / histórias de opressão: diálogos com a poesia brasileira contemporânea de autoria feminina* (2009); *A paixão emancipatória; vozes femininas da liberação do erotismo na poesia brasileira* (1999); além de *Gêneros Literários*, que teve diversas edições na série Princípios, da Editora Ática. Como se vê, Soares estudou a produção literária de Parente Cunha, o que amplia o leque de relações vividas pelas duas.

Soares também foi co-fundadora do Núcleo Interdisciplinar de Estudos da Mulher na Literatura (NIELM-FL/UFRJ) e, além do GT “A mulher na literatura”, anteriormente citado, participou da Associação Internacional de Lusitanistas (AIL) e da Brazilian Studies Association (BRASA). Ela também foi gestora científica e acadêmica do Grupo de pesquisa “Literatura, Memória e Ecologia: extensões teórico-

críticas” do CNPq, e teve destacada atuação em funções de gestão dentro do Curso de Letras e da Pós-graduação da UFRJ.

Sua criação teórica sobre o erotismo e a liberação da mulher na poesia de autoria feminina segundo a visão do ecofeminismo é de importante validade não apenas para enriquecer os estudos literários, mas por abrir os horizontes das lutas feministas e ambientalistas possibilitando enormes articulações entre ambos.

Maximiliano Torres apresenta as seguintes palavras sobre a pesquisadora e a docente:

Quem conheceu Angélica, não conseguiria imaginar a sua atuação como docente universitário sem o desenvolvimentos dos mais de quinze projetos de pesquisa. Todos contribuíram para que ela acompanhasse, de perto, o desenvolvimento da área e, com isso, estivesse sempre revendo, acrescentando, aprofundando e criando questões e métodos de ensino da teoria Literária, da Poética e da Literatura Comparada, áreas em que atuou na Pós-Graduação e de Teoria Literária e Literatura Comparada, na Graduação. A partir de fevereiro de 1998, teve todos os seus projetos aprovados pelo CNPQ, órgão no qual era pesquisador de Nível 1. (Torres in Parente Cunha, 2014, p. 84)

Seu falecimento precoce e súbito se deu em 23 de outubro de 2013. O desenvolvimento do livro *Angélica Soares: memória sem margens* (2015) deu destaque ao pensamento e às contribuições deixadas pela pesquisadora, reunindo palavras, poemas, cartas e relatos a sua passagem marcante na vida de todos.

1.3 Helena e Angélica: um momento

Angélica, sob muitos aspectos, era reservada e, em geral, não gostava de demonstrar as emoções. Não costumava chamar ninguém, pelo apelido nem pelo diminutivo, a não ser em raríssimas exceções. Mas registro alguns momentos de nossa convivência, em que Angélica se emocionou. Quando em 1999 fez o discurso de saudação da solenidade da outorga do meu título como Professora Emérita da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Ou em 2009, quando participou do Seminário HC organizado pela Academia de Letras da Bahia e pelo Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia. (Parente Cunha, 2014, p. 73)

As informações trazidas por este estudo até agora – com destaque para o depoimento de Parente Cunha que abre esta seção e que também integra *Poemas para a amiga e outros dizeres* – revelam duas mulheres nótaveis no cenário literário brasileiro. Ambas compartilharam da mesma paixão pela literatura e contribuíram, de forma significativa, para o campo acadêmico criativo. Para sublinhar um momento

Segundo Soares, esse caráter “poético” se traduz pela capacidade de Parente Cunha de se libertar dos “tecnicismos redutores” (Ibidem) tanto no plano de sua produção literária quanto no de sua produção científica e na atuação como docente.

Em outro trecho, Soares reflete sobre a influência de Parente Cunha como educadora:

Assim é que Helena sempre soube unir a informação à formação do aluno; nas lições de nossa antiga Evolução da Literatura (hoje Literatura Comparada), de Teoria Literária, de Língua e Literatura Italiana, sempre se projetou como uma verdadeira educadora; não se limitando à transmissão de conceitos, mas fazendo brotar em nós a curiosidade intelectual e o prazer da leitura levando-nos a vivenciar a essência do *ex-ducere* ao estimular-nos, poeticamente, a deixar emergir as potencialidades de cada um de nós. (Soares, 2001, p.7)

Nesse trecho, Soares valoriza a generosidade de Parente Cunha como educadora que respeita as potencialidades de seus alunos e de suas alunas. O uso do “nós” faz com que percebamos que a própria Soares se via como aprendiz de Parente Cunha.

Sobre a produção literária de Parente Cunha, Soares dá destaque às relações de sua poesia com a estética do concretismo em *Corpo no cerco*, visto que “os textos atingem, em muitos momentos, um mínimo indispensável de palavras”, além de destacar a “constante problematização dos limites que mantêm o ser humano, não raro, aprisionado, constrangido e anulado pelo “cerco” (Soares, 2011, p. 7-8).

Por outro lado, sublinha que, em *Maramar*, podemos encontrar “formulações mais soltas e cambiantes” (Ibidem, p. 8), e que, em *O outro lado do dia*, a poeta apresenta “uma percepção límpida do real” e uma proposta de “superação da dualidade lógica do ocidente” em nome de “uma vivência de integração do sujeito com o mundo” (Ibidem, p. 9).

Sobre o romance “Mulher no espelho”, Soares afirma que “ela marca também o seu investimento numa escrita voltada para a condição da mulher no sistema patriarcal e para sua busca de emancipação” (Ibidem, p. 10), estabelecendo uma relação com a ruptura do “cerco”, presente no primeiro livro de poemas. O discurso de Soares também contempla os livros de contos, oferecendo, enfim, um breve panorama da produção literária de Parente Cunha.

Como vimos em relação ao que Soares disse sobre *Mulher no espelho*, também podemos destacar, nas palavras de Soares, o respeito pela dedicação de Parente Cunha às lutas pela emancipação feminina, traduzido, mais uma vez, no comentário: “Em 1998, seria lançado o romance *As dez cores do vermelho* no qual se intensificaria

a união entre a poeticidade e a questão da emancipação da mulher, que se volta sempre para irrealizáveis utopias” (Soares, 2001, p.11)

Por fim, a afeição pessoal e o respeito pela jornada de Helena Parente Cunha na universidade e na vida se revelam no trecho diretamente dirigido àquela que acabaria de se tornar Professora Emérita da UFRJ:

Helena, como outros grandes professores de nossa UFRJ, você merece este título máximo que a Academia confere àqueles para quem o percurso produtivo, pela importância alcançada, não deve interromper-se. Nós, seus ex-alunos, seus alunos, colegas, amigos e companheiros de lutas nos sentimos felizes, orgulhosos e honrados por poder tê-la ainda por muito tempo entre nós, com suas lições de teoria, com suas lições de poesia, com suas lições de vida, poeticamente compartilhadas. (Soares, 2001, p.12)

Todos os trechos citados demonstram a profunda admiração e respeito que Angélica Soares sentia por Helena Parente Cunha, tanto como acadêmica quanto como amiga. As palavras de Soares pintam um retrato de uma mulher dedicada à sua arte, à sua carreira e à educação de seus alunos, sempre buscando inovar e acrescentar os limites do que é possível em sua escrita e ensino. Convém lembrar que a atuação de Parente Cunha como emérita durou longos anos e só cessou quando já não foi mais possível, por motivos de saúde, dar continuidade às orientações de dissertações e de teses e às participações em eventos científicos.

A amizade e a admiração são evidentes em cada linha, tornando este um belo tributo à carreira e ao caráter de Helena Parente Cunha, que *Poemas para a amiga e outros dizeres*, em 2014, materializou o que Lúcia Zolin, no prefácio, chamou de “Uma amizade memorável”. E é justamente sobre a amizade como conceito que reflito a seguir.

2. AMIZADE, MEMÓRIA E POESIA

VESTÍGIO

E estes vestígios
dos rasos espaços

e a marca indelével
dos passos no vento?
(Parente Cunha, 2014, p. 60)

Como vimos anteriormente, a produção de Parente Cunha é vasta e ocupa um lugar proeminente na literatura atual. Sua escrita sintética atinge diretamente o sentimento do leitor, graças à forma envolvente com que escreve seus poemas e ambienta suas histórias. Em toda a sua obra, a ênfase na memória é perceptível. No poema “Vestígio”, percebe-se que pequenos registros da memória permanecem e vão alimentando a poesia. Nesse sentido, podemos explorar os estudos sobre a memória na literatura e como ela se manifesta na poesia.

Entendemos que a memória é algo inerente a todos nós, pois diante dos eventos da vida, guardamos momentos significativos para nosso crescimento físico e intelectual. Santo Agostinho, em sua obra *Confissões* (1977), já definia a memória como o reflexo do passado, nos lembrando dos momentos tristes, alegres e dos medos recorrentes na vida. Ele afirmou que há coisas que gravamos na mente, na alma, e por isso nos lembramos ao longo de toda a vida.

É claro que todas as reflexões feitas pelo autor foram cuidadosamente pensadas em relação a Deus e à criação do mundo, porém são de extrema importância para esses estudos. Aqui, dedicamos nossa atenção de forma mais intensa aos textos literários memorialistas escritos por Helena Parentes Cunha.

Segundo Bergson (1959) citado por Ecléa Bosi (1994), existem dois tipos de memória: a memória hábito e a imagem-lembrança. A primeira refere-se ao corpo retendo padrões de comportamento do cotidiano, ou seja, quando nossa mente fixa hábitos comuns como escrever, andar, falar. Esta é adquirida com esforço e atenção adequada.

Já a segunda, conhecida como imagem-lembrança, são eventos vivenciados no passado que, por algum motivo, permaneceram na memória e podem ser lembrados posteriormente por quem os vivenciou, presenciou, ouviu falar, ou teve conhecimento do evento de alguma forma, como acontecimentos da infância, adolescência ou eventos significativos.

Voltando ao poema “Vestígio”, acima citado, vemos que a imagem-lembrança dos “passos” da amiga permanecem como “vestígios” que acabam presentificando o vivido. A memória, portanto, aciona a abstrata presença da amiga que partiu.

Neste contexto, gostaríamos de mencionar também a distinção feita por Bosi (1994), uma destacada pesquisadora no campo dos estudos relacionados à memória. Em sua obra seminal *Memória e sociedade: lembranças de velho*, ela destaca a existência de dois tipos de memória: coletiva e individualista. Em outras palavras, as memórias coletivas são formadas a partir da interação com outros membros da sociedade, envolvendo lembranças que residem na mente do indivíduo que as memoriza, e a partir das quais este pode reter elementos do passado que possuem significado dentro de um acervo comum, exclusivo para ele.

É importante ressaltar que a ocorrência de fatos coletivos demanda a participação de diversos membros em interação social. Por outro lado, as memórias individualizadas são aquelas que, mesmo compartilhando um contexto coletivo, deixam marcas distintas em cada indivíduo envolvido, conforme Bosi (1994) observa.

Nesse ponto, diversos integrantes vivenciam o mesmo instante, porém guardam lembranças distintas, o que sugere que essas memórias tenham muitos aspectos em comum ou sejam paralelas entre si. O que realmente chama nossa atenção são as discrepâncias nas percepções do mesmo acontecimento e essas memórias contrastantes.

Parece evidente que as memórias são eventos que permanecem armazenados em nossa mente e pertencem somente a nós mesmos até decidirmos escrevê-los ou compartilhá-los com outros. É importante também considerar que tais memórias refletem muito de nossa personalidade e identidade já internalizada. Bosi destaca que as memórias individuais são aquelas que não tiveram eco coletivo, fixando-se unicamente em nossa subjetividade. São experiências que, embora presenciadas por outros, ressoaram profundamente apenas em nós; e afirmamos: “apenas eu senti, apenas eu compreendi”.

Como observamos, a memória é um elemento social que nos acompanha desde a infância. Assim, desde os primeiros momentos da vida, já possuímos a habilidade de guardar lembranças das experiências individuais ou coletivas, e também de utilizá-las no nosso cotidiano, como exemplificado pela memória-hábito descrita por Bergson (1959).

Por meio de relatos memorialísticos, somos capazes até mesmo de conhecer eventos passados dos quais não fomos testemunhas ampliando nosso entendimento sobre o social e o individual na experiência humana. Por outro lado, tal como afirma Lopes:

Como artefacto técnico constituído por signos, toda a memória possui um certo grau de indeterminação. Na poesia, esse grau toma-se excessivo através da relação ao futuro. A poesia é memória profética, o que significa que nunca se limita à descrição e interpretação do passado, mas as constitui no próprio gesto que inventa o futuro. Numa perspectiva sacralizante, tal gesto é ocultado sob a voz dos deuses. Só a ruptura com o sagrado o pode apresentar como promessa, partilha de uma linguagem inevitavelmente babélica. É este excesso da memória que a filosofia desde o seu início recusou ao definir a poesia como mimese ou representação. (Lopes, 1996, p. 158)

A poesia, portanto, não faz uso da memória para reconstruir o real, mas para resgatar e ampliar significados, que, no caso da obra escolhida, estão ligados à amizade.

A amizade e a poesia, em *Poemas para a amiga e outros dizeres*, são como duas almas entrelaçadas, dançando em harmonia na vastidão do universo literário. Elas compartilham uma ligação intrínseca, pois ambas exploram as complexidades das emoções humanas, expondo verdades profundas e criando conexões duradouras. A palavra “amizade” está no prefácio e na apresentação. A palavra “amiga” está no título do livro e em “A amiga”, poema de abertura:

A amiga

Mesmo que a Amiga
 não te esteja mais
 ali
 no teu com ela
 a gente recorda a mão estendia
 e se retoma
 e continua o caminhar-se
 (Parente Cunha, 2014, p. 31)

A leitura dos poemas e de “A amiga”, em especial, constrói outras Angélicas, aquelas que representam amigos e amigas que também se foram, projetando, em quem lê, uma espécie de memória coletiva, decorrente de se compartilhar a experiência do afeto e da dor traduzidos pelo eu-lírico, como veremos nos próximos capítulos. Quando o eu-lírico faz uso do “te” e do “a gente”, essa “Amiga”, com “a” maiúsculo e artigo definido ganha essa dimensão coletiva, acionando outras memórias e outras “amigas” em quem lê.

Em seu ensaio intitulado “Amigos”, Giorgio Agamben revisita o tema da amizade em um jogo de alteridade, no qual os amigos são evidenciados através de vestígios de bilhetes, fotografias e cartas trocadas. Tais referências, desprovidas de autoridade sobre o sujeito, surgem como experiências de alteridade, originadas de momentos de prazer, conflito e sedução nos quais a troca de escuta, leitura conjunta e um estado afetivo em constante evolução geram discursos e palavras que parecem moldar a memória dos dias.

Segundo Agamben, a narrativa de alguém pode ser contada pelos caminhos compartilhados com amigos, pelas histórias de amizades e despedidas, como exemplificado por Nietzsche e Wagner, Samuel Beckett e James Joyce, Gustav Janouch e Kafka, e, em nosso caso específico, por Helena Parentes Cunha e Angélica Soares.

Contudo, a amizade nem sempre é o elo condutor das trocas de ideias, podendo antes surgir como um obstáculo. Este é o ponto destacado por Giorgio Agamben em seu relato, no qual decidiu trocar correspondências sobre a amizade com seu amigo Jean Luc Nancy, na intenção de explorar um tema que pedia uma análise aprofundada.

O método epistolar parecia a melhor maneira de trazer à tona o conteúdo desejado. No entanto, a chegada da carta do amigo não trouxe novos *insights*, mas ao contrário, a amizade entre os dois acabou gerando conflitos e desacordos discursivos, obscurecendo áreas de entendimento entre os filósofos. Esse relato ilustra que a filosofia vai além de um simples diálogo entre amigos.

Ao pesquisar sobre a vida e a obra de Helena Parentes Cunha, somos levados a refletir indiscutivelmente sobre temas como memória, rotina e passado. Uma característica marcante de seus poemas é a habilidade de narrar acontecimentos do seu dia a dia e, sobretudo, as experiências vividas ao lado de sua amada amiga. Dessa forma, pensar em Parente Cunha é também ponderar sobre a memória oral, eventos cotidianos que se conectam às lembranças de sua amizade.

Entretanto, é evidente que, para a historiografia, a relação entre história e memória sempre foi motivo de conflito. Enquanto muitos consideram esses termos como equivalentes, nós, historiadores, reconhecemos que apesar das similaridades, não fazem parte do mesmo processo. É, ainda, importante destacar que, além da memória e da amizade, a morte é um referente fundamental para compreender a obra escolhida, visto que a celebração da amizade também é um rito de despedida diante

do acontecimento que separa as amigas no plano da realidade.

Por isso, lembro a afirmação de Freud (1915, 1996) de que o inconsciente não detém representações negativas, ou seja, não seria possível falar de uma representação propriamente direta da morte, uma vez que esta deveria significar ausência da vida. Não tendo a experiência da própria morte, seria, a princípio, impossível ter uma memória dela. Além disso, como a oposição entre representações é um atributo do processo secundário e, portanto, do sistema pré-consciente ou do ego, não poderia haver, no inconsciente, uma representação da morte.

Quando, entretanto, a morte se faz concreta por meio da partida de um/a amiga/o, nosso ser e nosso estar parecem morrer um pouco também, como se vê no poema “Nosso estar”:

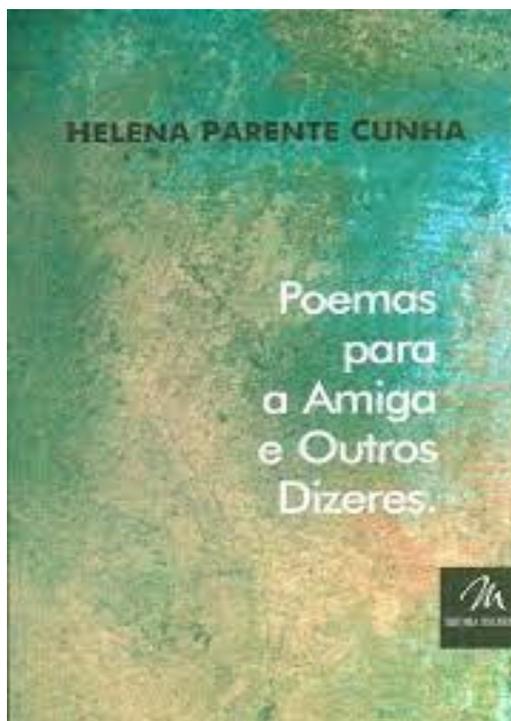
NOSSO ESTAR

E o que é
o nosso estar ali
presentes
em mais ausência?
(Parente Cunha, 2014, p. 50)

Segundo Lopes, “O poeta detém assim um poder superior, o de imortalizar ou condenar ao esquecimento, que lhe confere uma autoridade particular” (Lopes, 1996, p. 155). Neste capítulo, vimos como a memória individual pode se fazer coletiva por meio da poesia. E, nesse caso, o que se imortaliza é a amizade, cuja força vai além dos limites entre vida e morte.

Sigo com a apresentação da obra.

3. CARACTERIZAÇÃO DA OBRA POEMAS PARA A AMIGA E OUTROS DIZERES



Fonte: Estante Virtual (2022)

O livro *Poemas para a Amiga e outros dizeres* versa sobre sentimentos. A conexão afetiva entre Helena Parente Cunha e Agélica Sorares, cultivada ao longo de uma amizade que ultrapassou os quarenta anos, é referenciada, na obra, não só pela voz lírica e mas também pelos textos em prosa da própria Parente Cunha em “Recordando lembrares”; de Lucia Zolin, em “Amizade memorável”; e de Maximiliano Torres, em “Apresentação – E por falar em amizade”.

A perda inesperada de Angélica é o catalisador desses escritos. Os poemas dedicados à “Amiga” e demais narrativas constituem não apenas uma simples homenagem póstuma, mas também um apelo de Parente Cunha para valorizar as vidas envolvidas na trajetória referenciada, a vida que brota das memórias vívidas e afetivas, ecoando, mesmo na ausência, neste presente tão desconcertante, e a vida como um todo, já que, no conjunto, esses textos levam leitores a resgatarem suas próprias memórias de amizades e de perdas.

Depois da página com os créditos, há uma dedicatória “em memória de/Angélica? e de sua avó, também Angélica,/pela sabedoria ancestral” (Parente Cunha, 2014, s/n) antecedida por uma fotografia do rosto de Angélica Soares. Na página seguinte, outra dedicatória

Em seguida, o livro traz, como já foi dito, o prefácio de Lúcia Zolin, “Uma amizade memorável”, e a apresentação de Maximiliano Torres, “E por falar em amizade”.

A primeira parte do livro “Poemas para a Amiga”, é inaugurada com o poema “A Amiga”. Em seguida temos o conjunto de nove poemas reunidos sob o título “O começo de depois”, a saber: “Mistério”, “Agora”, “Hora”, “Escassa”, “Dizer”, “De repente”, “Tempo”, “Pele e nervo” e “Vento lento”. Todos os poemas até o final dessa parte são curtos, variando entre três e nove versos, com rimas ocasionais uso de pontuação apenas para indicar interrogações.

A realidade se revela aos poucos, se espalhando por meio de notícias impactantes e dolorosas, cheias de surpresa e de incertezas. No entanto, é a presença da Amiga que dá o tom a esses poemas. Ainda que as lembranças da vida e as reconfortantes imagens do dia a dia de tantos anos se alternem com os *flashes* penetrantes da realidade atual, é inegável a sobreposição entre elas, como se vê em “Vento lento”:

VENTO LENTO

O vento lento sonolento
nada dizia
a Amiga não tinha voz

o vento dilacerado
desobrigava
palavras e pensamento

e a Amiga
em seu tão longe
como assim mais perto?
(Parente Cunha, 2014, p. 35)

Longe e perto, a “Amiga” é a imagem que une o passado, a dor presente e a permanência do sentimento da amizade. Em seguida, encontramos o poema isolado “A casa da amiga”, que, mais longo, possui sete estrofes. Vejamos:

A casa da amiga

O ritmo das salas
aconchegava lugares e móveis
na convivência risonha
dos pertencimentos

porcelanas e cristais e argilas
interagiam
na placidez

das almofadas e tapetes

toalhas
 reverberando ecos
 e alegres nostalgias
 das bordadeiras
 suas cantigas e casos
 cantados e contados
 entre agulhas
 e fios de linha e de lã

tecidos preenchidos
 com desenhos
 de sonhos
 e lembranças
 ainda pulsantes
 na intimidade revivida

nos entre-espços
 das salas
 a maciez
 do respirar das plantas
 se demorava
 em flor e cor na varanda

a casa
 límpida e sonora
 se abria e se expandia
 sempre à espera
 de quem chegar e chegasse
 tais e tantos
 ordenada ordem
 entre as paredes esguias
 e no esguio contorno
 da bela presença dela

ausente.
 (Cunha 2014, p.37)

Nesse poema, o olhar do eu-lírico percorre, de forma serena, um ambiente harmonioso e acolhedor, repleto da presença marcante da Amiga e das escolhas que ela fez, refletidas em cada objeto. O poema evoca a vida vivida naquele lugar e compartilhada com imagens que contrastam com os lampejos de dor presentes nos poemas curtos anteriores é a chegada da última estrofe composta por apenas um verso, que, por sua vez, contém apenas uma palavra “ausente”.

O ambiente descrito, assim, traz as memórias do gosto pessoal de Soares, mas sua ausência no espaço denuncia que a visita e a contemplação dos detalhes da casa não acontece corriqueiramente como em momentos de visita anteriores à partida da amiga.

Outro conjunto de seis poemas intitulado “Equilíbrio Possível”, vem a seguir e traz, novamente, poemas curtos que vairam entre três e nove versos, a saber:

“Rosto”, “contraste”, “Olhar”, “Equilíbrio”, “Laço” e “Salto”. Nessa parte, o eu-lírico aborda a conscientização da perda a partir da constatação de que o rosto e o olhar da amiga, vivos na memória, agora se despedem, como vemos no poema “Equilíbrio”:

EQUILÍBRIO

Entre ver e não ver
 achar e perder
 dizer não dizer
 a decidida simetria
 para aquecer
 o equilíbrio possível
 (Parente Cunha, 2014, p. 40)

Esse poema revela a necessidade sentida pelo eu-lírico de acomodar tensões como a quem vem de ver a amiga por meio da memória e, ao mesmo tempo, viver a realidade de não vê-la mais.

Em meio ao choque e à certeza desconcertante da perda, que exige um equilíbrio obrigatório, surge novo grupo de poemas, agora sob o título de “Enigma”. Encontramos ali sete poemas, cinco curtos (“Manhã e noite”, “Brilho mais”, “Enigma”, “Deixar de estar” e “Mutante”) e dois mais extensos (“O corredor da casa da Amiga” e “Outros corredores”). O impacto da perda se expressa em:

MANHÃ E NOITE

e foi
 a noite sem começo
 e a manhã
 sem dia
 (Parente Cunha, 2014, p; 41)

Esse poema, como os demais dessa seção, revelam como a perda interfere na própria compreensão e também na vivência do tempo. A morte é, assim, o “enigma” que interfere no tempo cotidiano.

Um novo poema isolado vem em seguida. Trata-se de “E agora?”, um poema com nove estrofes, que revela os questionamentos diante da perda que provoca a sensação de vazio, tal como dizem os versos: “o súbito salto/neste agora despencado/em não haver” (Parente Cunha, 2014, p. 48).

A seção seguinte se intitula “Velório” e traz seis poemas curtos, que oscilam entre quatro e seis versos: “O que é?”, “Corpo na capela”, “Nosso estar”, “Tempo que vai”, “Corpo que cala” e “O tempo da amiga”. O rito do velório tem a dimensão da

memória de um momento concreto, que traz questões próprias, já que coloca o eu-lírico diante do último rito de passagem da amizade. O poema “O que é?” mostra esse questionamento:

O QUE É?

O que é estar ali
presente o corpo
ausente
da presença dela?
(Parente Cunha, 2014, p. 49)

Em seguida, temos “Contrastes”, que reúne sete poemas, seis deles mais curtos (“Turbilhão”, “Vago caminhar”, “Verdades provisórias”, “A voz”, “O olhar” e “Decifração”) e o poema com doze estrofes intitulado “A casa da avó”. Nessa seção, a memória viva de Angélica Soares é traduzida em referências a sua personalidade, a seus gestos, a seu passado e a seus espaços. Se, em “Equilíbrio possível” já apareceu um poema voltado ao olhar da Amiga (“Olhar”), aqui novamente a imagem é recuperada:

O OLHAR

O olhar
atravessava
pontes e camadas
e parava
e nós nem sabíamos
de como
nem de por quê
(Parente Cunha, 2014, p. 54)

Se nos versos de “Olhar”, o eu-lírico já descrevia os olhos da amiga como inquietos, misteriosos, sempre em movimento, em “O olhar”, tudo isso de confirma.

A última seção é composta por seis poemas curtos é assim definida por Zolin no prefácio:

Nos poemas finais, curtos e igualmente intensos, enfeixados sob a denominação de ‘Pós-Depois’, a escritora, partindo das constatações anteriores acerca da efemeridade do tempo, indaga acerca da permanência indesejável desse “agora”, dolorosamente marcado pela ausência tão presente da Amiga e, ao mesmo tempo, pela sua presença tão ausente, em forma de vestígios e de brilhos despedidos...” (Zolin, In Parente Cunha, 2014. p. 18)

Em síntese, o que fica para o eu-lírico e para quem lê o livro é o “Aprendizado”:

APRENDIZADO

Do aprendizado
 Deste rápido passar
 O instável ficar
 Napressa dos dias
 (Parente Cunha, 2014, p. 59)

Os poemas, enfim, como um todo, revelam a perplexidade diante da existência e a busca do porquê em relação à partida da amiga, distinguindo o nascer do morrer, poemas de vida, coragem, força, medo, morte e saudade. Os versos curtos dos poemas exalam o impacto da falta de Angélica na vida de Parente Cunha, beirando a fronteira do silêncio.

Assim, a escrita inicial comumente contempla sequências que se agrupam no começo de tudo e no possível equilíbrio de contornos assimilados sobre o tempo, remetendo ao processo de assimilação sobre o porquê de estar vivenciando situações trajetórias, conhecer Angélica Soares, dividir todas as conquistas uma com a outra, amadurecer e sofrer a morte da amiga Angélica Soares.

Na seção “Outras palavras”, que compõe a segunda parte do livro, Helena Parente Cunha deixa, em “Recodando lembrares. Anotações biográficas”, um registro de natureza autobiográfica, que trata da jornada dessa amizade fraterna, iniciada em uma sala de aula da UFRJ no final dos anos 1960 e desdobrada ao longo de 43 anos, até o encontro que marcaria a despedida alguns dias antes da partida.

Durante essa narrativa, apresentada em itálico, a escritora destaca, cronologicamente, a espontaneidade dos primeiros contatos, as afinidades que foram se revelando e suas consequências inevitáveis em forma de cumplicidade, responsáveis por nutrir tais lembranças. Também faz alusão à amizade entre as famílias de ambas, ao enfrentamento em cumplicidade de passagens dolorosas, como o falecimento do esposo de Helena Parente Cunha e um dado peculiar da biografia de Soares: a avó negra de Angélica Soares, verdadeira responsável por sua criação, visto que Soares não havia conhecido a mãe.

Sobre a relação entre Angélica e a avó/mãe, Parente Cunha registrou: “Muitíssimas vezes, a propósito de alguma situação, Angélica opinava e lembrava – era assim que miha avó dizia. Quando a avó adoceceu, Angélica a levou para seu apartamento e seus cuidados naquele último tempo de vida” (Parente Cunha, 2014, p. 68). Mais adiante, Parente Cunha associa a avó de Soares à sua própria mãe: “No regionalismo alagoano da avó, eu identificava registros semelhantes numa outra fala,

também nordestina, dona do uso comum atual, que era de minha mãe Rocilda” (Idibem, p. 78). Todo esse texto final é pura memória na forma de um relato intimista, emocionado e delicado.

Essa segunda parte é encerrada com o já comentado posfácio de Maximiliano Torres, outro grande amigo de Angélica Torres, que, em seu texto, traz diversas informações sobre a carreira acadêmica de Angélica Soares. Passo agora a abordar seis poemas de Poemas para a amiga e outros dizeres, a fim de destacar mais alguns detalhes em que a relação amizade, memória e morte se destacam: “Hora”, “Laço”, “Enigma”, “O tempo da amiga”, “A voz” e “Permanecer”.

4. AMIZADE E MEMÓRIA EM SEIS POEMAS DE *POEMAS PARA A AMIGA E OUTROS DIZERES*

Nesta seção farei breves observações sobre seis poemas extraídos de diferentes seções do livro: “Hora”, “Laço”, “Enigma”, “O tempo da amiga”, “A voz” e “Permanecer”, escolhidos a partir de dois critérios: o registro do momento de vivência da dor da perda da amiga e a permanência da amizade além do eixo vida-morte. Antes de ver os poemas, destaco um texto de minha orientadora, Christina Ramalho, sobre a poesia de Helena Parente Cunha:

... falar da poesia de Helena Parente Cunha é desvelar uma voz muito peculiar, direcionada para a descoberta do ser e do mundo por meio do encontro com a palavra-verso, em sua dimensão formal e simbólica, ea traduzir ora um intimismo discreto ora uma alteridade imanentes, ambos conduzidos pela concisão e contenção líricas e pelo experimentalismo que definem a lide lírica da escritora. (Ramalho, 2007, p. 70).

Os poemas escolhidos têm exatamente essa concisão e contenção de que Ramalho fala. São poemas muito curtos, em que a abordagem à amizade e à dor da perda da amiga são relatadas sem o excesso que poderia vir da experiência traumática, mas com a profundidade que o uso das imagens simbólicas proporciona.

“Hora”, “Laço”, “Enigma” e “O tempo da amiga” são poemas que falam diretamente sobre as fronteiras impossíveis do tempo quando se vive a perda de alguém que se ama. Esses poemas foram selecionados, porque registram o impacto de uma dor recente que, traduzida em versos, alcançam o futuro, eternizando tanto essa dor como a própria amizade que está por trás do impacto da morte.

“A voz” e “Permanecer”, por sua vez, tratam da permanência do sentimento de amizade, a partir do resgate de fragmento do que foi vivido. Porém, desse vivido também faz parte da dor da perda. Amizade e morte, assim, estão sempre entrelaçadas.

Vejamos os quatro primeiros poemas em bloco:

HORA

Aquele despertencimento
no oco da hora
estrangulada
(Parente Cunha, 2014, p. 33)

LAÇO

No laço deste lapso
aprendemos a morrer depressa

e aqui estamos
esgarçados
neste pedaço
do interminável laço
(Ibidem, p. 40)

ENIGMA

Entre o tempo que passa
e o tempo que não chega
a dura boca do enigma
e o susto
de despertencer
no surdo fundo do poço
(Ibidem, p. 42)

O TEMPO DA AMIGA

Quem nos dirá
como era o tempo da Amiga
que não passava
nem acabava

antes de acabar?
(Ibidem, p. 40)

No primeiro poema, vemos que o tempo, traduzido pela palavra hora, é personificado. Quem é “estrangulado” não é o eu-lírico, mas o “oco da hora”, ou seja, criando a imagem de um tempo estrangulado, o eu-lírico transfere para essa hora a própria sensação de estrangulamento. Assim, o choque da dura realidade vivida é transferido e congelado numa hora que se faz vazia ou oca, gerando a sensação de “despertencimento”.

Ao fazer isso, ou seja, ao transferir para a hora o estrangulamento (a notícia da morte) que gera o vazio (o oco) e a sensação de despertencimento, o poema sai do campo da memória individual para o da memória coletiva, tal como vimos no capítulo 2, pois essa “hora” não é mais apenas a do anúncio da morte da amiga, mas é a hora de qualquer anúncio de qualquer morte, em que estejam envolvidos o sentimento, a surpresa e a dor.

O mesmo valor coletivo se pode verificar em “Laço”, poema em que o uso da primeira pessoa do plural (“aprendemos a morrer depressa”) também permite e identificação de quem lê o poema com a situação em que um laço de vida,

atravessado pelo lapso temporal que anuncia a morte, faz com que mesmo quem não morreu se sinta atravessado pela experiência da morte. O laço, contudo, não se desfaz. Ele se esgarça com o impacto da chegada da morte, mas também é “interminável”, o que tanto sugere o impacto infinito da dor como a permanência do laço da amizade.

A ideia de “lapso” também trazida por “Laço” pode corresponder ao “oco” de “Hora” e igualmente tem eco em “Enigma”, que anuncia a existência de um “entre” a unir dois tempos: o “tempo que passa” e o “tempo que não chega”. O despertencimento também volta a aparecer, agora aprofundado pelo “surdo fundo do poço”. Esse “fundo do poço” pode ser visto como uma imagem metafórica da vivência do luto.

Segundo Sousa, o processo de luto passa por várias fases até que se chegue à aceitação da perda, que faz da dor a fortaleza diante a falta, e da saudade que ali permanece um elo de afeto que move o ser para frente. O luto é considerado um processo de readaptação à realidade, na ausência da presença de quem se foi, assim como as reações apresentadas por cada indivíduo podem variar, não atendendo a um padrão de comportamento ou estado emocional.

Na cultura ocidental, conforme Sousa, a morte, muitas vezes, deixa de ser considerada um fenômeno natural, não fazendo parte do cotidiano de algumas pessoas, sendo vivenciada com expressões de dor e de sofrimento (SOUSA, L. E. E. M, 2016). Assim, “despertencimento”, “hora estrangulada”, “oco”, “lapso”, “aprendemos a morrer depressa”, “esgarçados”, “dura boca do enigma”, “despertencer” e “surdo fundo do poço” são signos do momento pleno do anúncio da morte que define a experiência do luto como o próximo caminho.

Já em “O tempo da Amiga”, começamos a enxergar esse luto em outra fase: aquela que traz perguntas sobre como suportar a ausência e como recuperar o que se viveu. O “Quem nos dirá” sugere que ainda não há forças suficientes para penetrar na memória em busca do resgata do vivido.

Lembro que, na área da criação artística, a memória lírica é o seguimento por meio do qual retornam ao presente as lembranças esgarçadas. Tal como disse Benjamin,

um acontecimento vivido é finito, ou pelo menos encerrado na esfera do vivido, ao passo que o acontecimento lembrado é sem limite, porque é apenas uma chave para tudo que veio antes e depois. (BENJAMIN, 1985, p. 37)

Assim, os quatro poemas apresentados, ao capturarem o momento oco e esgarçado da notícia da morte, eternizam esse mesmo momento e geram em que lê a possibilidade de sentir, literariamente, essa dor.

A memória, em *Poemas para a amiga e outros dizeres*, não está unicamente concentrada na chegada da notícia ou na experiência do ritual do velório. E um exemplo disso está em “A voz”:

A VOZ

A voz
sempre reta
sem dobra nem bordados
outras vezes
ondulava
ou parava em uma curva
qualquer

mas logo seguia
tão lisa e mais vertical
(Ibidem, p. 53-54)

Como se vê, nesse poema o eu-lírico recupera a lembrança da voz, mas não de uma forma estática. Ao contrário, é uma voz que oscila entre “sempre reta/sem dobra nem bordados” e a que “outras vezes/ondulava/ou parava em uma curva/qualquer”. Ou seja, o eu-lírico demonstra que a convivência com a amiga, metonimicamente representada no poema pela voz, permitiu que conhecesse tanto os momentos mais costumeiros, em que essa voz traduzia uma personalidade “lisa” e “vertical”, como outros, em que “ondulava” ou “parava em uma curva”.

Ao resgatar, simbolicamente, a amiga, traduzindo diferentes momentos de sua interação com a vida, o eu-lírico possibilita que a amizade permaneça. No entanto, não apenas a amizade permanece como o sentimento de perda causado pelo esgarçamento trazido pela morte. E esse é o tom de “Permanecer”:

PERMANECER

E este agora que não passa
e permanece
na permanência de não sabermos
por onde será quando

Outro aspecto presente na vivência do luto está na persistência da dor causada pelo enigma de não se saber se haverá o reencontro e, se houver, quando e onde acontecerá. Por isso, no poema, o “agora” não passa. Faz-se como, nos primeiros

quatro poemas citados, “oco”, “hora estrangulada”, “pedaço do interminável laço”, “dura boca do enigma”, “surdo fundo do poço”.

Oscilando entre momentos de recuperação de fragmentos da amizade vivida e de aspectos que revelam a personalidade da amiga que partiu, *Poemas para a amiga e outros dizeres* tem um desfecho melancólico com o poema “Solitário”:

SOLITÁRIO

E a Amiga
que não nos está
em solitário nosso
caminhar-nos?
(Parente Cunha, 2014, p. 61)

Entretanto, na segunda parte do livro, o tom de “Recordando lembrares” nos leva a uma dimensão mais otimista, ou pelo menos suaviza o registro da dor, porque afirma que a palavra tem o poder de preencher o oco liricamente anunciado, como vimos antes. Por isso, concluo com a parte final do último parágrafo de “Recordando lembrares”:

Cadeia do tempo que nem mais havia, era ontem e foi depois, ressonâncias perpassando as horas e os anos, revivendo o esquivo passado, cada vez mais passado. Palavras ressurgidas povoando ausência, preenchendo vazios, elos se refazendo e recompondo leve contorno de permanência.
(Parente Cunha, 2014, p 78)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A redação deste trabalho foi extremamente prazerosa em sua totalidade. Não posso afirmar que tenha sido fácil, uma vez que todo processo de escrita carrega consigo certa dose de desafio. Tanto a elaboração quanto a revisão surgem a partir do mundo das ideias, que nem sempre se apresenta de forma clara à primeira vista. Porém, a cada vez que revisitei o trabalho, alguns dos muitos enigmas contidos nele foram desvendados, e as conexões estabelecidas revelaram novas possibilidades a cada instante. Tenho a firme convicção de que ainda existem diversas outras formas de interpretar este texto, e não tenho a intenção de limitar as interpretações a este trabalho. Para mim, este foi apenas o começo de um estudo que pode se expandir ainda mais.

Anteriormente, mencionei os momentos de dor durante o processo de escrita, mas não posso deixar de lembrar também das inúmeras passagens que me afetaram durante a leitura ao saber que tudo o que estava sendo lido não se limitava à ficção. É impossível passar por uma obra que trata sobre a perda da melhor amiga dessa talentosa escritora e não sentir a angústia que ela experimentou. Uma autora que desafia os padrões ao abordar temas audaciosos para a sua época e conduzir sua narrativa por meio de aromas, cores e questionamentos instigantes, provocando diversas sensações ao leitor através de suas palavras cuidadosamente escolhidas. Cada linha, cada expressão, nos emociona ou nos surpreende, dependendo do leitor. A literatura detém esse poder.

A obra aborda uma homenagem que não só celebra o legado deixado por Angélica, mas também perpetua a amizade que ela compartilhava com Helena. Por meio de poemas e de relatos, as palavras delineiam a jornada de amizade, destacam a conexão profunda com a poesia, evocam lembranças de laços afetivos e experimentam a dor da perda de uma amiga tão especial. Com um olhar carinhoso e cheio de emoção, este livro revela o espaço de afeto que a amizade com Angélica Soares trouxe para a vida de Helena Parente Cunha.

Após finalizar as análises, percebi que a autora não apenas desejou expor uma realidade já conhecida, mas também demonstrar ao leitor que, apesar das dificuldades, dores e adversidades da vida, há ainda um valor intrínseco de esperança nela. Quando o desânimo toma conta dos que lutam incansavelmente, somos

surpreendidos com o surgimento de novas vidas, que enfrentarão desafios semelhantes, nutrirão as mesmas esperanças e enfrentarão as mesmas decepções.

Helena Parente Cunha, portanto, não só destacou as virtudes intelectuais e pessoais da professora Angélica, enfatizando as experiências enriquecedoras compartilhadas com ela, o que lhe permitiu reconhecer o talento e a grande generosidade da amiga, como também criou imagens poéticas de amizade, morte, luto e memória que vão além da experiência real vivida por ela, porque levam quem lê *Poemas para a amiga e outros dizeres* a buscar em sua própria sensibilidade o impacto dessas vivências.

Os seis poemas estudados enfatizam a memória da dor, mas, no conjunto dos poemas e do texto em prosa “Recordando lembrares”, a amizade recebe o grande destaque. Ela vence a morte. Assim, espero ter colaborado, com esse estudo, para ampliar as palavras de homenagem e saudade que Helena Parente Cunha deixou ao criar *Poemas para a amiga e outros dizeres*.

REFERÊNCIAS

Abreu, Marcílio Ehms. **Quase tons de luto e melancolia**. Disponível em: <http://www.helenaparente.com.br/criticas/marcilio1.htm> Acesso: 28 de Fevereiro de 2024

Agamben, George. O amigo. In: _____. **O que é contemporâneo e outros ensaios**. Trad. Vinicius Ricastro Honesko. Chapecó: Argos, 2009, p. 79-93.

Agostinho, Santo. **Confissões**. 25. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

Benjamin, Walter. **Magia e técnica, arte e política**. Obras escolhidas. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1985.

Bergson, H. **Oeuvres Édition du Centenaire**. Paris: PUF, 1959.

Bosi, Ecléa. **Memória e sociedade: Lembranças de velhos**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

Costa, Maria Dorianna Ribeiro. **A importância do gênero literário poema na construção de uma comunidade leitora: o poema “Morte e Vida Severina” como ferramenta no processo cognitivo de incentivo à cultura da leitura**. 2019 Disponível em: TCC_ImportanciaGeneroLiterario.pdf (ufpa.br) acesso em: 09.09.2023

Evaristo, Conceição. Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. In: Alexandre, Marcos Antônio (org.) 66 **Representações performáticas brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007. p. 16-21.

Freud, Sigmund. O inconsciente. In **S. Freud**, Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (v. XIV, pp.163-222) Rio de Janeiro: Imago, 2006. (Trabalho original publicado em 1915)

Lopes, Silvina Rodrigues. A poesia, memória excessiva. **Revista da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas**, n. 9, Lisboa, Edições Colibri, 1996, pp. 155-161. Disponível em: https://run.unl.pt/bitstream/10362/6876/1/RFCSH9_155_161.pdf. Acesso em: 15.12.2023.

Moraes, Vinicius. **Poemas, Sonetos e Baladas**. São Paulo: Edições Gavetas, 1946.

Parente Cunha, Helena. **Poemas para a Amiga e Outros Dizeres**. Ilha de Santa Catarina: Editora Mulheres, 2014.

Parente Cunha, Helena (Org.). **Caminhos da violência. Em busca da visão compartilhada**. Interpretação e comentários de textos de autoria feminina. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2015.

Quintana, Mario. Soneto XIX. **A rua dos cataventos**, 1940. Disponível em <https://blogdospoetas.com.br/poemas/a-rua-dos-cataventos-xix/>. Acesso em 12.01.2024.

Ramalho, Christina. **Dois ensaios sobre poesia**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2007.

Ramalho, Christina. O eu lírico em expansão: a produção lírica de Helena Parente Cunha. In: Monteiro, Maria Conceição & Lima, Tereza Marques de Oliveira. **Entre o estético e o político: a mulher nas literaturas clássicas e vernáculas**. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2006, p. 257-266.

Ribeiro, A. E.. (2023). Academias de letras e escritoras: barreiras e mudanças no século XX e um caso em Minas Gerais. **Estudos De Literatura Brasileira Contemporânea**, (68), e6805. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2316-40186805> Acesso em: 10.11.2023.

Rocha, Denise. **Representações da mulher nas literaturas de língua portuguesa**. Campo Grande: Editora Inovar, 2020.

Rocha, Ruth. **Marcelo, Marmelo, Martelo e outras histórias**. São Paulo: Salamandra, 1999. _____. Pra não vacinar a criança contra a leitura. *Leitura: teoria & prática*, v. 2, p. 3- 10, out. 1983.

Silva, C. S.. Entre Ciência e Poesia: narrativa sobre uma Oficina Formativa. **Interdisciplinaridade & Ensino**, v. 1, p. 34-42, 2017.

Sousa, L. E. E. M. O processo de luto na abordagem gestáltica: contato e afastamento, destruição e assimilação. **IGT rede**, Rio de Janeiro , v. 13, n. 25, p. 253-272, dez. 2016 . Disponível em: O processo de luto na abordagem gestáltica: contato e afastamento, destruição e assimilação. (bvsalud.org)

Soares, Angélica. Discurso de saudação. In: **O ser poético de Helena Parente Cunha**. Faculdade de Letras da UFRJ, 2001.

Zuchetto, Camila Brambilla. **Avenidas que atravessam a crônica: Guilhermino Cesar e a Porto Alegre da década de setenta**. 2009 Disponível em: Avenidas que atravessam a crônica : Guilhermino Cesar e a Porto Alegre da década de setenta (ufrgs.br) acesso em: 14.09.2023

Zinani, Cecil Jeanine Albert. **Crítica feminista: lendo como mulher**. Revista *FronteiraZ*, São Paulo, n. 7, dezembro de 2011.